

O direito das vítimas

Luiz Carlos Lisboa

"As pessoas geralmente adquirem suas opiniões como compram leite, a partir da conclusão de que isso é mais barato do que ter uma vaca. De fato é, mas o leite comprado muitas vezes vem misturado com água." Samuel Butler sabia o que estava dizendo quando investia contra as ideias de segunda mão que criam os mitos e fazem esquecer os problemas reais. Nas grandes democracias de nossa época o melhor que um cidadão pode fazer é ter sua própria vaca, isto é, tirar suas próprias conclusões a partir dos dados que os meios de comunicação lhe oferecem. Onde viceja a meia-alfabetização e a mídia é dominada pelo **show** eletrônico, que é só uma versão da vida, as pessoas consomem diariamente seu leite **batizado** e se dão por satisfeitas, porque não conhecem nada melhor. O que é que as grandes massas no Brasil sabem, por exemplo, do significado da crise que as tortura e empobrece a cada dia?

O leite agulado do folclore populista é servido às vítimas brasileiras da crise com os aditivos açucarados da fala política que se ouve mais em tempo de eleição, mas que se irradia sempre nas imediações da vida política. Essa arenga diz que os salários devem ser sempre aumentados, que todos os benefícios sociais devem ser imediatamente concedidos, que os impostos devem ser drasticamente reduzidos, que o lucro deve ser proibido, que os direitos do cidadão devem ser infinitamente ampliados, mas não diz qual é o caminho para esse paraíso. A fala política promete a felicidade em troca do poder e em sua estratégia confia na desinformação dos que a ouvem, bem como na pouca memória dos que a ouviram no passado. A boa informação sobre a realidade, sobre o universo em crise, o leite gordo tirado da vaca de Butler, isso mal chega ao homem comum, que quantitativamente é o grande maltratado pelo egoísmo e a irracionalidade do poder. O populismo sindicalista maneja os efeitos da centralização absurda que cria quase todas as crises e inegavelmente ampliou a nossa até quase a loucura, explorando a revolta e fomentando o ressentimento que é o seu combustível. A crise se agrava e a alienação é a mesma.

Quais são os pontos centrais do drama brasileiro, hoje? Que fatos o cidadão mediano deveria saber para fixar e desdobrar em seu espírito, a fim de modelar seu desempenho na crise que é principalmente sua? O embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Rubens Ricúpero, fez há dois dias, em entrevista a **O Estado de S. Paulo**, um resumo do que acontece há muito tempo em nosso país e olhou a culminância das nossas dificuldades como o generalista que faz o diagnóstico e assina embaixo. "Temos hoje o que já tivemos na Regência, uma crise de poder político, agora refletida pela Constituição, pela dificuldade de entendimento entre o Executivo e o Legislativo, pela falta

de maioria do governo no Legislativo." Um alto entendimento político seria a saída certa, como se fez na Espanha, no México, em Israel, mas isso tem sido difícil devido à mentalidade reinante em nosso meio político. Entendimento entre setores sociais numa sociedade embriagada pela "lei de Gérson", e assustada com choques econômicos cruéis de passado recente, fica longe de ser fácil.

"A inflação, no fundo, é um conflito gerado pela competição por bens escassos. Ela põe em questão todos os valores. A desmoralização é inseparável da inflação." O embaixador Ricúpero diz as coisas simples que a boa imprensa brasileira tem dito incansavelmente e que precisam ser comunicadas, didaticamente se preciso, à grande massa de interessados e prejudicados que precisa saber delas, porque, afinal, ela tem o poder de mudar as coisas pelo voto e pela força da sua indignação. O governo Collor de Mello parece ter encontrado o caminho quando renunciou às soluções milagrosas, aos planos dramáticos e aos choques. Tendo escolhido o caminho do meio, o de levar os setores da sociedade a fazer face às suas responsabilidades, optou também pelo caminho de espinhos, que exige determinação e paciência, senso de oportunidade e maturidade. É possível acreditar que a natureza pessoal do presidente dificulta um pouco essa missão, mas, não havendo outro caminho, não há o que escolher.

E o outro lado, aquela parte da sociedade que se acostumou à centralização econômica e suas delícias, às benesses da estatização que têm sustentado carreiras, famílias, empresas e legiões de beneficiados? A nossa não é uma sociedade acostumada às pequenas renúncias, que dizer quando se trata das grandes? A discussão do parlamentarismo agora é fuga psicológica ou arremedo de golpe. Nenhum país latino-americano está pensando em coisa semelhante, quando é preciso na tempestade manter o barco navegando e não pintar o mastro ou lavar as velas. E esta América Latina está surpreendendo o mundo ao se transformar na região que mais atrai capitais estrangeiros, com exceção do Brasil, naturalmente.

Há muito que conhecer, a respeito, para remover nosso grande desconhecimento da realidade econômica e política mundial. Os que lêem os bons jornais têm a cada dia uma melhor visão do que acontece. Aos que estão entregues aos brilhos fantasiosos da televisão resta o leite agulado de antigas ilusões supersticiosas, em meio a breves notícias de uma realidade nunca devidamente compreendida. Este ainda não é o século da informação, na escala que se deseja e que se faz preciso. Mas Samuel Butler não perde por esperar: um dia todos os homens terão sua vaquinha em casa até mesmo os brasileiros.